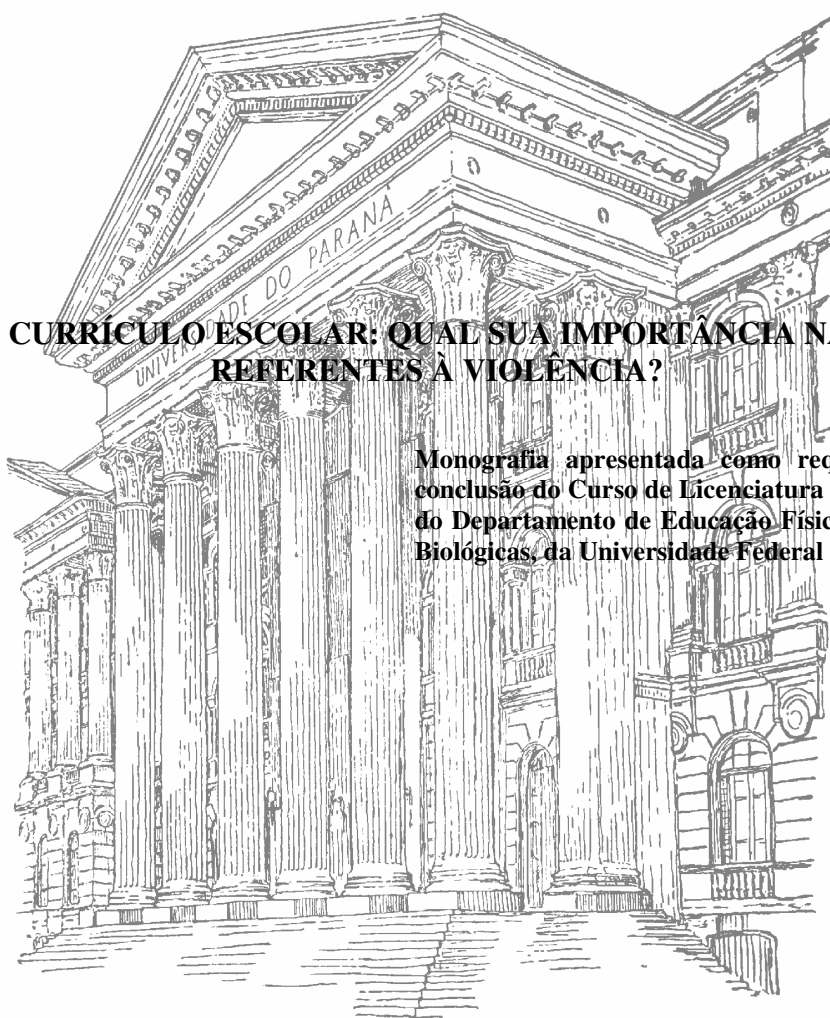


**LEONARDO GUILHERME DOS SANTOS LIMA**

**O JUDÔ NO CURRÍCULO ESCOLAR: QUAL SUA IMPORTÂNCIA NAS QUESTÕES  
REFERENTES À VIOLÊNCIA?**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



**CURITIBA**

**2006**

**LEONARDO GUILHERME DOS SANTOS LIMA**

**O JUDÔ NO CURRÍCULO ESCOLAR: QUAL SUA IMPORTÂNCIA NAS QUESTÕES  
REFERENTES À VIOLÊNCIA?**

**Monografia apresentada como requisito parcial para  
conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física,  
do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências  
Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.**

**ORIENTADOR: DR. SÉRGIO SANTOS**

Dedico este trabalho a todos que me ajudaram a completar esta importante fase da minha vida, sempre estando ao meu lado em todos os momentos.

Dedicatória especial à minha família e à Kerollin Pypcak, que me assistiram em todo esse crescimento.  
Muito Obrigado.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço à minha família, que sempre me deu forças e apoio em todos meus caminhos percorridos. Com ânimo especial neste caminho universitário, pois todos são excelentes professores de Educação Física. Obrigado pai, mãe e irmão pelas incansáveis lições sobre a vida e a profissão, sendo estes responsáveis por todas as coisas boas que aprendi e vivenciei.

Agradeço a Kerollin, por todos momentos felizes que tivemos e pela sua importante participação em minha vida acadêmica, dando-me forças para alcançar meus objetivos e notas.

A Deus por estar ao meu lado quando mais precisei, levantando-me e recuperando-me, para que assim pudesse vencer.

Por fim, ao grande Professor Doutor Sérgio Santos, meu orientador e amigo, que me garantiu suporte e conhecimento tanto em suas aulas como em suas orientações. Muito obrigado.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	v
<b>ABSTRACT</b>	vii
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	1
1.1 PROBLEMA	3
1.2 JUSTIFICATIVA	3
1.3 OBJETIVOS	5
1.3.1 Objetivos gerais	5
1.3.2 Objetivos específicos	5
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b>	7
2.1 A ORIGEM DAS LUTAS	7
2.2 HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA	11
2.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA	14
2.4 MÍDIA	20
2.5 LUTAS NO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA	22
<b>3. METODOLOGIA</b>	25
<b>4. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES</b>	26
<b>5. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS</b>	32
<b>6. CONCLUSÕES</b>	36
<b>REFERÊNCIAS</b>	37
<b>ANEXOS</b>	40

## RESUMO

Atualmente nos deparamos com o aumento exacerbado da violência em todas as camadas da sociedade. E a escola, como componente dessa sociedade, não está afastada deste fenômeno.

O problema gerador deste estudo reflete sobre tal crescimento e se há uma maneira de ao menos diminuirmos essa ascendência. O judô é visto como um possível conteúdo a ser aplicado pela educação física para discutir questões referentes à violência, pois é uma arte marcial voltada não somente ao rendimento, mas principalmente direcionada a um contexto educacional, já que repassa diversos e importantes valores morais e éticos.

A violência surge em decorrência de vários fatores: desemprego, exclusão, drogas, contextos culturais, entre outros; sendo que no interior da escola, podemos citar desde violências visíveis (como brigas e xingamentos) a violências mais encobertas (referentes a gênero, etnia e a disparidade social).

A violência encontra-se banalizada, sendo rotineira na vida das crianças. Infelizmente, partindo desse entendimento, alguns professores e outros agentes da comunidade escolar se eximem de suas responsabilidades, omitindo-se ao papel de modificador social. Apresentam-se, também, falhas na formação superior dos profissionais da educação e falta de uma educação continuada, o que delimita em muito a atuação do professor. Acaba então por ocorrer uma reprodução do conhecimento sem a participação ativa do aluno para fundamentar as razões da aprendizagem.

O judô, apresentado como conteúdo curricular inserido nas aulas de Educação Física, estimula um maior contato físico das crianças, permitindo um conhecimento sobre o próprio corpo e o do outro, acarretando uma maior aceitação ao diferente, e tendo alicerces concretos, permite uma inclusão de valores de base, como o respeito, propiciando, também, o desenvolvimento do intelecto através da arte.

Muitos profissionais retratam que possivelmente abranger o conteúdo de lutas é um dos trunfos que a escola tem para recuperar sua imagem diante da sociedade

desacreditada. Princípios como perseverança, solidariedade e coragem são enaltecidos através do judô.

Portanto, embasado nessas premissas justifica-se essa pesquisa monográfica, que busca entender qual é a visão dos professores de Educação Física sobre a importância do judô, e se este, como teoricamente exposto, reflete realmente uma nova possibilidade de canalizar a violência que a cada dia torna-se mais corriqueira.

Palavras chaves: judô, violência, criança e escola.

## **ABSTRACT**

Currently, we come across with the increase of violence in all the layers of our society. And the school, as component from this society, is not moved away from this phenomenon.

The general problem of this study reflects on such growth and if it has a way to diminish. Judo is seen as a possible content to be applied by the physical education to argue referring questions about violence. Therefore it is a martial art directed not only to the performance, but mainly directed to an educational context, since it repasses diversives and importants moral and ethical values.

The violence appears in result of some factors: cultural unemployment, exclusion, drugs, cultural contexts, among others; being that in the interior of the school, we can cite some visible violences (as fight and verbal disrespect) and hidden violences (referring the sort, ethnic and the social disparity).

The violence is becoming a routine in the children's life. Unhappily, leaving from this agreement, some teachers and other school community agents are exempting themeselves of their responsibilities, forbearing of their paper as a social modifier. Imperfections in the superior formation of these educational professionals are presented, also, they are missing a continued education, and it delimit the teacher's performance. It finishes, then, by occurring a knowledge reproduction without the active participation of the pupil basing the reasons of learning.

The judo, presented as inserted in the curricular content in the lessons of Physical Education, stimulates a bigger physical contact for children, allowing a knowledge of their proper body and of the other, causing a bigger acceptance to the different ones, and having concrete foundations, allows an inclusion of values, as the respect, propitiating, also, the intellect development through the art.

Many professionals portray the possibility to enclose the fights content as one way the school has to recouperate its image in the discredited society. Principles as perseverance, solidarity and courage are emphasized through judo. Therefore, based in these premises, this monographic research its justified, that it searchs to understand which is the vision of the Physical Education's teachers on the importance of judo, and if this, as theoretically displayed, really reflects a new possibility to canalize the violence wich one is becoming more current day by day.

Key words: judo, violence, child and school.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender qual a visão que os profissionais de Educação Física tem sobre a utilização do judô, podendo ser este, uma maneira de diminuição da violência na escola. Observando o emprego das atividades de judô inseridas no currículo da Educação Física por alguns desses profissionais, pretendo verificar a realidade dessa vivência na escola.

A análise buscará elementos no contexto do judô escolar para verificar se existe a canalização da violência, ou se verificamos o contrário, que o judô conduz seus praticantes a se tornarem pessoas ainda mais violentas.

Segundo ABRAMOVAY (2005), as agressões físicas e verbais estão entre as mais presentes no contexto da escola. O ser humano, desde a idade infantil, recorre a meios violentos para resolver determinados problemas, e nas brigas presentes na escola são identificadas estas condutas.

Em observações anteriores percebi que algumas formas de violência passam de certa forma, despercebidas, ou entendidas como forma expressiva do meio social em que os estudantes estão inseridos. E quando notadas acabam sendo somente repreendidas e não trabalhadas de maneira que levem o aluno a adotar uma postura diferente. A incógnita é o que é aceitável como simples expressão e o que deve ser trabalhado pela escola para que se canalize a violência.

Muitos acreditam que com as atividades de lutas os alunos terão um momento para extravasar sem que haja o desrespeito ao colega, seja na forma física ou verbal. Basta saber se isto realmente acontece, e se acontece, de que forma.

Diversos autores defendem que aulas de luta servem para extravasar o estresse e que devemos de fato inseri-las curricularmente, isso porque ela corresponde não somente a técnica, mas também vai enfatizar uma educação moral e para a paz, desenvolvendo uma forma mais adequada de relacionamentos, compreendendo o próprio corpo e o dos colegas. (CASADO e GARCIA, 2002).

Os pais, a mídia e as relações sociais, além da escola, têm extrema importância para difundirmos o tema proposto porque os conceitos de violência são variáveis, de

acordo com a cultura e o grupo social de cada um. Há um limite do que é aceitável ou não.

A mídia tem sua relevância quando diariamente nos deparamos com desenhos infantis, que são violentos para faixas etárias precoces que ainda não tem discernimento do certo e do errado. Estes desenhos só estão buscando novos mercados, as crianças que serão consumidoras em potencial durante muito mais tempo. Elas são atraídas por heróis destruidores e pela violência exacerbada presente principalmente na televisão, explícita em desenhos animados, diretamente influenciando nas diferentes maneiras de agir dos pequenos. Alguns desenhos, por mais que expressem a luta do bem contra o mau, como é o caso dos “Powers Rangers” e “Dragon Ball Z”, trazem diversas motivações para que as crianças venham a se enfrentar através de socos e chutes imaginando serem seres fictícios.

É importante que não se tenha a visão da luta como algo extra-curricular, mas sim integrante ao processo formativo da criança. O judô, por ser embasado em valores sociais e educativos pode fazer parte dos contextos dentro das aulas de Educação Física. Até porque, como apontam ÁLAMO, AMADOR e PINTOR (2002) o objetivo principal de escolinhas de qualquer esporte é geralmente a formação de campeões, o que não é função da Educação Física escolar. Os autores acima referenciados retratam que o verdadeiro educador não passará apenas as técnicas, mas transmitirá todo um processo responsável pela educação, hábitos e valores. Porém surgem aqui, outras problemáticas, que recaem sobre quais hábitos e quais valores deverão ser repassados. (ÁLAMO, AMADOR e PINTOR, 2002).

Esta pesquisa constará de 07 (sete) questionários abertos, visando coletar diferentes dados sobre as opiniões existentes no âmbito escolar com referência a relevância da inserção das lutas (judô) no currículo escolar, também estará contemplado nas entrevistas questões que sejam adversas ao empiricamente cogitado, isto quer dizer, se a inserção das lutas não é relevante e se não deve estar no currículo escolar.

Além dos questionários, serão efetuadas observações e pesquisa bibliográfica, buscando identificar a luta como sendo canalizadora da violência ou não, analisando se

de fato ela exerce relação com a diminuição das brigas na rua, em casa e na própria escola.

Para estabelecer um estudo mais abrangente analisarei o histórico das lutas para verificar de que maneira elas vêm se desenvolvendo, até chegar aos documentos oficiais da educação, como por exemplo, os PCN'S.

A luta a ser analisada será o judô que atualmente está mais presente nas escolas. Também será estudado o efeito "transfer", que trata mais especificamente a temática da transferência dos valores adquiridos no esporte, no caso desta investigação, nos ateremos à questão da não violência, verificando de que forma o professor conduz as atividades nas aulas para averiguar se há ênfase em alguns valores que poderão cooperar com condutas presentes e futuras da não violência.

## 1.1 PROBLEMA

O judô, trabalhado curricularmente pelos professores de Educação Física, contribui ou não para a canalização da violência? Como os próprios profissionais vêm essa prática e qual sua servidão no que diz respeito às agressões no interior das escolas.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A importância deste estudo reside em mostrar a necessidade da utilização do conteúdo estruturante de lutas-judô, no currículo escolar.

O assunto "lutas" encontra diversas dificuldades relativas a sua aceitação no meio escolar (corpo docente incluso), porque nela estão contemplados movimentos que estimulam o contato corporal, a projeção e os deslocamentos. Estes conteúdos pedagógicos estimulam o auto-conhecimento, o entendimento da corporeidade e o entendimento da sexualidade, no seu aspecto cultural e não biológica somente. Isto pode causar certo desconforto para quem não conhece os princípios e as metodologias empregadas para seu ensinamento e ou até mesmo em virtude de por vezes haver uma

divulgação pela mídia das atitudes de gangues, que utilizam as “artes marciais” para causar balburdia e agressões. A conseqüência disto é a má impressão e a generalização que qualifica todos os praticantes de esportes de combate (denominação correta para atividades de lutas) como marginais (LULINHA e BATALHA, 1999).

Este trabalho se desenvolveu em decorrência do interesse gerado pela discussão da inserção do conteúdo das lutas nas aulas de Educação Física. Buscaremos informações na escola para verificar se estas atividades canalizam e ou tem importância para erradicação da violência escolar.

A validade deste trabalho torna-se pertinente porque abrange uma questão importantíssima no meio escolar, quando neste momento histórico a Secretaria Municipal da Educação em Curitiba acabou de incluir as lutas no currículo de suas escolas e proporcionará a capacitação de seus profissionais de Educação Física em Lutas Aplicadas a Educação Física. Portanto o momento de revermos a utilização de lutas no contexto escolar é propício e nos fornecerá dados para entendermos qual é a real influência deste conteúdo para a Educação Física Escolar e para a formação do integral do cidadão.

Também farei uma breve aportação para tentar entender como os conteúdos pedagógicos, filosóficos, e códigos da luta angariam valores inerentes ao convívio social, ou se ela é um agente estimulador do distanciamento do ser humano. E no âmbito da escola se é possível encontrar na prática de lutas uma maneira de combater a indisciplina e a agressividade existentes dentro e fora da escola. Jigoro Kano, citado por CASADO e GARCIA (2002) expõe que o seu sistema foi criado para que haja uma formação completa do cidadão em seu meio social, portanto coletivo, melhorando sua mente e corpo, aprendendo uma arte de ataque e defesa e por meio deles utilizar a máxima eficácia do corpo e da mente para construção dos valores de cidadania.

É sabido que a prática de esportes, também angaria uma função social de grande importância estimulando os valores tão imprescindíveis para o exercício de uma cidadania plena. Com a implementação de mais uma prática de atividade física na escola, no caso o judô, poderemos reproduzir manifestações sociais importantes para o convívio com o próximo. Na visão dos autores ÁLAMO, AMADOR e PINTOR (2002),

através dessa prática escolar, poderemos discutir temas importantes para a formação integral dos educandos, tais como o respeito, a cooperação, a responsabilidade, a disciplina, a perseverança, entre outros, ou seja, promovermos valores inerentes a sociedade em que vivemos hoje e discutirmos se ela é aquela na qual gostaríamos de viver, estimulando a formação de consciência comum.

Através da descrição dos questionários, juntamente com nossas aportações, embasadas pelos dados coletados em nossa pesquisa, com o devido respaldo bibliográfico, chegaremos a algumas conclusões e teremos parâmetros cientificamente analisados para afirmar se a violência pode ser canalizada através da prática de lutas, cooperando com a instituição escolar e, de uma maneira mais geral, com a própria Educação Física Escolar na atribuição de Lutas Aplicadas a Educação Física, tentando encurtar a falta de conhecimento dos docentes, alunos, pais em geral sobre os esportes de combate.

A instituição escolar está carente de recursos e de profissionais capacitados, e é importante refletirmos que, talvez, com a prática das lutas (judô, luta olímpica) inserida no currículo escolar, nós possamos recuperar a imagem da escola como sendo “um instrumento democratizador, socializador e impulsionador da melhoria das condições de vida”.(PROJETO PAZ NA ESCOLA, 1999)

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo geral

Verificar se a prática de lutas contribui ou não para a canalização da violência.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- Analisar a aplicação da luta (judô) na escola;
- Apontar diferentes paradigmas dos profissionais de Educação Física, verificando concepções que possam divergir sobre aplicar o judô como forma de diminuir ou aumentar a violência, analisando tais paradigmas;

- Verificar as conseqüências da prática do judô dentro das aulas de Educação Física, se ocorreram melhorias advindas dessa prática ou não;
- Conferir as atitudes do profissional de Educação Física, se este de fato preconiza a não violência ou acaba por fomentá-la;

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A ORIGEM DAS LUTAS

Não se pode dizer com certeza uma data certa do surgimento das lutas, porém é sabido que os combates acompanham, de certa forma, a história da humanidade, pois desde o começo dos tempos o homem necessitava de mecanismos de fuga, lutar contra inimigos, lutar pela comida ou até mesmo com a comida. Como aponta MONTEIRO (1998, p. 35) “a luta é tão antiga, quanto a existência do homem no mundo”.

Foram apresentadas diversas descobertas que retratam diferentes formas de lutas em paredes de cavernas, pergaminhos e outros documentos. Arqueólogos chegaram a encontrar na tumba do faraó Benni Hassan, alguns afrescos mencionando formas de combate utilizadas em encontros diplomáticos, estes datados por volta de 3.000 a.C. (BARROS e VITTA citados por CARDOZO, 2000).

Contudo, sabe-se que as lutas com origem no oriente tiveram muita importância em suas sociedades e eram constituídas de métodos eficazes, porém, “não se pode reconstituir a origem e história das artes orientais de luta sem armas. Elas começaram a existir há milhares de anos, na China, e eram praticadas em segredo” (TEGNER, 2001, p. 17). TEGNER (2001) expõe, ainda, que os monges chineses foram os pioneiros na arte das lutas sem armas, isso porque eles tinham a necessidade de se defenderem dos bandidos.

Contrapondo a ideia de Tegner, o autor LAW, citado por HARRISON (1984), aponta que as lutas sem armas tiveram sua origem com o budismo na Índia, isso porque os ensinamentos dessa religião ditavam que as armas não solucionariam os problemas mundiais, e que o uso delas, era equiparado à ignorância. Deu-se, então, a origem das lutas sem utilização de armas, que faziam referência ao emprego de movimentos rápidos aproveitando a gravidade e o equilíbrio. O mesmo autor explicita ainda que estas formas de luta foram provenientes, primeiramente do Tibete, depois

rumaram à China, chegando por fim ao Japão, onde mais tarde se desenvolveria o judô.

SAUDI e ROBERT, citados por MONTEIRO (1998), relatam combates ocorridos em um mosteiro tibetano, no ano de 230 a.C., escritos em um manuscrito japonês (“Takanovi”). No combate referido se têm a utilização de técnicas de outras artes marciais que possivelmente deram início ao judô. No manuscrito há uma descrição de uma visão, conhecida como “A visão de Takenushi”, onde se encontra outra possibilidade de fundamento à arte marcial judô. Esta visão conta a história de um homem que tenta de todas as maneiras atingir uma árvore com mais rapidez e força, tentando descobrir uma nova possibilidade de melhorar seus ataques. Após um exaustivo treinamento tal homem adormece e logo começa a sonhar. Em seu sonho havia um monge que lhe daria alguns conselhos sobre o tamanho da vara, e sobre como aproveitar os erros do adversário para vencer e por fim o ensina cinco formas de imobilizar o oponente. (MONTEIRO, 1998, p. 42).

No Japão, um dos motivos da difusão das lutas sem envolvimento das armas, foi porque havia uma proibição do uso da espada e punhais de nobres pelos plebeus japoneses, porém os monges ensinavam o que sabiam, sobre maneiras de se defender. Nesta época houve o desenvolvimento de uma luta conhecida como *kumiuchi*, utilizada para evitar ataques, esta arte pode ter dado origem a lutas como o ju-jitsu e o karatê (LAW, citado por HARRISON, 1984). No decorrer dos anos surgiram diversas outras artes, cada qual com um método e com seus diferenciais, todas visando ensinar como lutar sem a utilização de armas.

Quanto às raízes do judô (interesse de estudo deste trabalho), ele surgiu no Japão inspirado em diferentes artes marciais, sendo uma delas o ju-jitsu, que data de eras mitológicas japonesas. KWANICHI (1967, p.9) conta que “os Deuses Kashima e Katori já haviam utilizado esta arte com o fim de castigar a desobediência aos regimes da província oriental”.

Pode-se dizer que o judô acompanha a própria história social do Japão, como aponta MONTEIRO (1998), pois a história do ju-jitsu se misturou muito com a história do Japão, contudo hoje é o judô que se entrelaça com a história do país, repassando

costumes e hábitos japoneses, ampliando os valores existentes na sociedade, tudo isso carregando consigo enorme influência da arte do ju-jutsu .

O judô, como dito anteriormente, tem algumas características provenientes do ju-jutsu e a partir daí temos outras duas possíveis versões sobre a influência do ju-jutsu no judô surgidas nos séculos XIV e XVI. A primeira relata um chinês, de nome Chin Gen Pin, que ordenou alguns golpes chamados de “tes”, conhecidos como técnicas de ju-jutsu que visavam matar o oponente ou deixá-lo incapacitado.

A segunda expõe a lenda do salgueiro e do carvalho, que de certa forma, vem a afirmar o que LASSERRE (1951) apontou como princípios do judô: o equilíbrio e a não resistência. Conta a lenda que Shirobei Akyama, médico e filósofo japonês observando a natureza nos Jardins de um templo, em sua cidade:

**“Certo dia, passeando pelo jardim do templo durante intensa nevada, escutava o ruído dos ramos do Carvalho que se quebravam com o peso da neve. Então viu como os ramos de um salgueiro, na margem do riacho tombavam sob o peso da neve, e, assim se livravam de sua carga e voltavam à posição original, concluindo que contra a força tem-se que reagir com a flexibilidade”. (MONTEIRO, 1998, p.42).**

Baseado nestas observações, este médico criou um “ryu” (escola) de ju-jutsu, assim, com o passar dos anos, os discípulos do médico, desenvolveram um estilo de ju-jutsu cujos princípios eram o de “ceder para vencer”.

O abandono da prática do ju-jutsu ocorreu devido ao fim do sistema feudal no Japão, não havendo mais necessidade dos plebeus se defenderem dos nobres que detinham as espadas, com isso foi visto que as “academias de ju-jutsu” já não tinham mais tantos alunos. Foi então que, em 1882, um jovem estudante de pedagogia, da Universidade Imperial de Tókyo, a mais prestigiosa instituição de ensino superior do Japão, até nos dias atuais, por uma necessidade pessoal passa a estudar as formas de ju-jutsu existentes em seu tempo. E analisando as manifestações das lutas na Europa (Greco-Romana) desenvolveu uma nova modalidade de luta com fins educacionais, criou a arte do judô (composta por dois ideogramas da língua japonesa JU e DÔ que significam “Caminho Suave”), dando ao seu *ryu* (Estilo) o nome de *Kodokan Judô*. O nome deste estudante, fundador do Judô é Jigoro Kano, que aos vinte e três anos desenvolveu um método mais eficiente do que o utilizado, provando-o através de um

combinado de lutas onde seus atletas obtiveram os melhores resultados em todas as provas a que se submeteram. O novo método tinha seus diferenciais em decorrência da auto-disciplina imposta, do treino físico, e da sua ligação com uma filosofia muito elevada. (LAW, citado por HARRISON, 1984, p. 15)

O estudo das diversas manifestações das artes marciais, por Jigoro Kano, fez com que o desenvolvimento do judô visasse à sutileza dos movimentos e do sábio manuseio do próprio corpo, desenvolvendo outras virtudes inerentes ao esporte e a vida social. O judô poderia então trabalhar a “sutileza dos movimentos em uma ação harmoniosa dos músculos, o desenvolvimento da coragem e o exercício das faculdades intelectuais” (LASSERRE, 1951, p. 27).

Nas lutas orientais, foi possível notar que elas, geralmente, aproveitavam do equilíbrio e da gravidade para obterem êxito, e, com o judô esta premissa não foi diferente, acrescentando ainda, a possível utilização da força do oponente a seu favor. E como aponta LAW, citado por HARRISON (1984, P.15) “O judô, mais do que qualquer outra forma de luta desenvolveu uma técnica em que a força e a energia do adversário se viram contra ele”.

KWANICHI (1967, p. 11) retrata que Kano junto com alguns discípulos “estudara vários métodos de luta existentes em sua época, mas não se contentou com o antigo sistema. Estudou, analisou e inventou, selecionando os melhores pontos de cada uma, adicionando novos métodos científicos, organizando metodologicamente um novo sistema a que deu o nome de judô”.

LASSERRE (1951), em seus estudos, cita o próprio fundador da escola Kodokan, o já mencionado professor Jigoro Kano, onde diz que a razão da escolha do nome judô e não ju-jutsu está no fato do judô ter seu método voltado para uma doutrina (dô), além da arte marcial (jutsu). Assim a arte de combater foi desenvolvida, mas a essência desta nova luta foi a sua doutrina filosófica.

O professor Kano, vendo que o ju-jutsu apenas repassava métodos violentos às crianças, elaborou um plano que poderia ser adequado à Educação Física, pois vinha enfatizar a formação do caráter. Tal plano baseava-se em um lado moral e espiritual, além do melhor uso da energia humana. (MONTEIRO, 1998, p. 44).

TEGNER (2001), também citando o ilustre professor Kano, explicita que o Judô tem como base de significado o “caminho suave”. O próprio professor explica que podemos fazer o que quisermos desde que usemos o “caminho suave”. Essa suavidade se reflete na maneira de enfrentarmos o mundo e seus diversos problemas, através da utilização do intelecto, e não simplesmente do emprego da força. Assim temos o entendimento prático do que seria a filosofia do “Caminho da Vida” como referencia ao judô. LASSERRE (1951, p. 24) explicita ainda que o judô é o “caminho da suavidade”, pois Kano soube como se beneficiar do melhor, deixando de lado o pior e o perigoso de cada arte de combate.

## 2.2 HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA

Para podermos entender o conceito de violência é interessante verificarmos qual seu significado em um contexto geral e depois a analisarmos no interior da escola e ainda mais especificamente como esta sendo trabalhada dentro das aulas de Educação Física.

Em épocas anteriores, como aponta ELIAS (1994), a agressividade era vista como uma forma de prazer, sendo muito retratada em cantos e versos. Em virtude desse prazer obtido através de mutilações e destruição, estas formas de agressão eram aceitas e banalizadas pelos povos da Idade Média. “O prazer de matar e torturar era grande e socialmente permitido” (ELIAS, 1994, p.192). A morte de inocentes e a perda de parte do corpo eram conseqüências da necessidade que o cidadão tinha, de alguma maneira, escoar seus instintos selvagens e emoções, que eram liberados livremente. Os homens sentiam tanta alegria nas manifestações da violência que esta conduta descontrolada estava presente em vários momentos e passagens históricas daquela época. Tanto que, quando havia períodos de paz entre os povos eram organizados diversos torneios que não eram muito diferentes da guerra em si.

Charlot, citado por CAMACHO (2002) e embasado nos estudos de ELIAS (1994) expõe que violência é “um conjunto de incivilidades, ou seja, de atentados

cotidianos ao direito de cada um ver sua pessoa respeitada”. Outro conceito válido é o de Chauí, também citada por CAMACHO (2002):

**“Etimologicamente, violência vêm do latim vis, força, e significa todo ato de força para ir contra a natureza de algum ser; de força contra a espontaneidade, contra a vontade e a liberdade de alguém; de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade; de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; violência social definida pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo temor”. (CAMACHO, 2002, p. 4)**

Também são considerados violência as mudanças que são visíveis atualmente, e que surgem em decorrência das limitações impostas as “pulsões emocionais” e da conexão estabelecida entre “estrutura social e a estrutura da personalidade”, como aponta ELIAS (1994). O autor, apresentando uma questão sobre as transformações do comportamento, descreve que foi muito difícil mudar a concepção que o homem tinha do desejo de matar e mutilar. Foram necessárias diversas alterações sociais para que se estabelecesse uma vida civilizada. Charlot, sendo referenciado por CAMACHO (2002), “indica que o homem, por sua condição antropológica, é obrigado a aprender a ser homem”. Ou seja, este homem, é a pessoa que deve se adequar às novas concepções de sociedade para nela se ver inserido.

Diversos instintos do homem foram freados para que este pudesse viver socialmente. A agressividade, que possuía lugar de destaque na Idade Média, é reconduzida para não ser mais tão aberta e normal. É “confinada e domada por inumeráveis regras e proibições, que se transformaram em auto-limitações” (ELIAS, 1994, p. 190).

Através desse confinamento, dessa limitação, surge a necessidade de fazer com que o homem tenha uma válvula escape para as suas emoções, podendo esta ser transpassada aos esportes que hoje congregam um grande número de adeptos, sejam espectadores ou praticantes.

É relevante apresentar diversas noções de agressividade, tais como as advindas de formas verbais e físicas, e as relações que estas exercem no meio das crianças que serão analisadas. GRINVALD (1997) nos aponta que existem diversas formas de violência e agressividade em todas as atividades humanas.

A violência tem ligações diretas com agressividade e está sendo combatida para ser limitada e controlada na nossa sociedade. DIAS (1996), aponta que os seres humanos em estados de ansiedade, depressão, frustração, ou seja, situações limite, acabam por perder alguns valores inerentes ao comportamento social para uma vida em harmonia na sociedade, aderindo à violência como expressões de seus sentimentos. A agressividade torna-se o meio mais efetivo de demonstrar um quadro negativo. Isso ocorre em decorrência da agressividade ser uma das características básicas do homem. Segundo CABRAL e NICK, citados por DIAS (1996, p. 58), agressão se define por “ação violenta contra outra pessoa ou contra o próprio, revestindo-se quase sempre de propósitos hostis e destrutivos”.

BOLBY, exposto por HIKONO e CASAL (2001), confirma esta contextualização ao retratar a agressão como sendo proveniente de diversas frustrações, sendo motivada pela não satisfação das vontades necessárias do homem, como o fato de não conseguir o que tanto almeja. A agressão pode ser motivada por diferentes fatores, porém, alguns desses fatores estão presentes na educação dada pelos pais ou pela escola segundo RODRIGUEZ, citado por DIAS (1996, p.59), “acredita que a educação dada pelos pais a uma criança desempenha importante papel na formação de uma personalidade mais ou menos agressiva”.

Entretanto, acredito que a educação dos pais não é única peça na formação do ser humano, é importante analisar o meio onde vivem, onde estudam e com quem convivem. Portanto, de certa forma, é fácil identificar outros geradores de violência. Ao analisar a sociedade atual encontraremos outros fatores geradores de violência, tais como a má distribuição de renda causadora da exclusão social para milhares de brasileiros, obrigando-os a viver marginalizados pela sociedade.

COSTA, citado por NASCIMENTO (1997), retrata que a violência esta sendo banalizada, isto por que se relaciona a desigualdade social, a pobreza e ao desemprego, porém não podemos nos ater somente a essas premissas, atualmente, vendo o grau de complexidade que se encontra a sociedade, é importante também, analisarmos as questões sócio-afetivas dos indivíduos, e outras vertentes culturais e materiais. Há uma ênfase aos valores individuais.

BANDURA, citado por HOKINO e CASAL (2001), reforçam nossa aportação, considerando que a agressão advém do meio social; que a violência surge pelas vivências obtidas através de conhecimentos adquiridos através do meio onde vivem, porém também asseveram que estas experiências podem ser reeducadas para uma mudança de conduta.

GRINVALD (1997) descreve que podemos ter grupos distintos que estão diretamente ligados às formas de exteriorizar atos agressivos e violentos. Enfatiza, além da escola, o ambiente familiar e a Influência de amigos e que as práticas esportivas podem aumentar a violência ou diminuí-la. Além das aportações dos autores descritos acima, NASCIMENTO (1997) estabelece outro motivador da violência que seriam motivados pela falta de punição e pelo descaso com o “civilizar”. Ainda, segundo HOKINO e CASAL (2001) outro inerente à motivação para a violência é a personalidade e a sua formação. A personalidade é proveniente de diversos aspectos do indivíduo, sendo os mais evidentes a realidade social e cultural, e a sua formação psicológica e biológica.

Os autores (HOKINO e CASAL, 2001) ainda expõem que agressão é um instinto do homem e tal instinto aflora em decorrência de determinados acontecimentos geradores dessa possível conduta. Eles estipulam que o cidadão não se torna agressivo, pois ele já nasce com essa premissa, porém, tal premissa é enfatizada ou não em virtude das interações culturais e sociais.

### 2.3 VIOLÊNCIA NA ESCOLA

No interior da escola podemos encontrar diversas formas e fontes de violência. Como exemplo, temos violência de gênero, violência social e violência étnica, além de muitas outras. Porém SOUZA (2001) aponta que em um contexto onde o ser humano vê suas realizações potenciais abaixo de outras realizações mentais, efetivas e somáticas podem intensificar a existência de duas formas mais coesas, são elas “as visíveis, que dizem respeito às violências coletivas e institucionais e as encobertas, que englobam as violências estruturais e culturais”.(SOUZA, 2001. p. 282)

Como foi visto no histórico da violência, a escola recebe mais um papel, o de civilizar. A escola deve, além de tudo, educar a criança a se comportar dentro dos parâmetros exigidos pela sociedade, e para cumprir com sua missão, vem á conter alguns impulsos. É como se a escola tivesse a responsabilidade de estabelecer determinados controles sobre os indivíduos - alunos, para que estes se enquadrem nas normas e condutas ditas como “normais”, incluindo assim, sentimentos, impulsos de imposição e emoções. RODIGHERI (2003) demonstra que as “regras e normas da instituição não têm o papel de humanizar, mas de homonizar, civilizar, normatizar o comportamento e adequá-lo à vida social”.

A escola algumas vezes acaba se omitindo quanto a certas violências. Isso demonstra que a instituição escolar está um tanto quanto falha na sua função socializadora, ou seja, civilizadora, tornando-se evidente que a escola passa a repercutir mais um espaço de violência, sendo essas expostas de diferentes maneiras (DUBET citado por CAMACHO, 2002).

A omissão advinda da escola pode ser em virtude de os professores não saberem lidar com o problema da violência. CANDAU (2002) expõe que os professores têm uma formação voltada somente para que o aprendizado do conteúdo, não tendo embasamento em formação de cidadãos, em passagem de valores, portanto quando chegam na escola e se deparam com essa realidade, não sabem como atuar.

É sabido que uma das maiores preocupações existentes entre pais e educadores gira em torno da violência. Porém, por mais que haja essa preocupação, ainda nos deparamos com certa confusão acerca desse assunto na sua origem e nas suas conseqüências. Há falta de contextualizações e uma falta de conhecimento por parte de educadores e pais tornando mais difícil o combate a tais condutas. (HIKONO e CASAL, 2001)

Defrontamo-nos na escola com o não saber como trabalhar e também, com a falta de coercitividade para agir sob violências entendidas como mais leves. CAMACHO (2002) advoga que: “... essas violências leves, não físicas, verbais e com outras formas de manifestação – como segregação, exclusão, indiferença-, não são assumidas, ficando disfarçadas ou mascaradas”. Também, Chauí, referenciada por CAMACHO

(2002), apresenta diversos mecanismos, dentre eles, o principal seria o da inversão do real, este visto como forma de ocultar a violência que ocorre de fato. Podendo servir também, como o fato de mudar pontos de vista, passando o agressor por agredido. Nas palavras da própria autora citada são “artifícios para mascarar os atos violentos”. Tais mecanismos acabam possibilitando que barreiras se criem para esconder certos atos puníveis. Acarretando em uma mudança, uma inversão dos valores violentos e não violentos. Muitas vezes, como demonstra a autora, os jovens criam essas máscaras para que os adultos sejam enganados e quem conseguir fazê-lo acaba de alguma maneira recebendo o respeito e a aceitação do grupo, seria como uma prova para poder entrar no grupo admirado. Um problema apontado é que os professores notam essa prática, porém se omitem de seu papel de educador, sendo no meu entendimento, um pacto de mediocridade, onde um finge que não fez e o outro finge que não viu. “Observa-se que há um teatro com fingimentos de ambas as partes”. (CAMACHO, 2002, p. 9)

Em estudo desenvolvido por CAMACHO (2002) no interior de duas escolas, notou-se que alguns professores têm medo de intervir em brigas e outras violências em decorrência da possível agressão que esses sofrerão dos próprios alunos no caso de repreendê-los, ficando assim estabelecido um clima de desconforto para professores e alunos. Deixando bastante claro que a violência não está somente entre eles, mas em qualquer um que queira se meter com eles.

Em pesquisa realizada pela UNESCO (2004), verificou-se que na rede pública de ensino há uma banalização da violência, esta é retratada como elemento do cotidiano dos alunos. Outra importante referência feita pela coordenadora de pesquisa da vitimização da UNESCO, Miriam ABRAMOVAY (2004), é que a violência aumentou quando, através de um processo de democratização, a escola começou a atender os excluídos, já envolvidos com o crime, e como nem escola nem os professores estavam aptos a trabalhar com esse contingente a escola só se tornou um retrato da sociedade excludente, onde a violência esta largamente inserida.

É observado também, uma das piores formas de violência não física, a da discriminação com o diferente, com colegas que não pensam da mesma forma, ou que

simplesmente agem diferente. ABRAMOVAY (2005) confirma essa questão, ao falar em violências simbólicas, como a discriminação e o racismo. Tristemente é nessas agressões que ocorrem a maioria das omissões por parte dos profissionais da educação e, pior ainda, algumas vezes, inconseqüentemente ou inconscientemente, participam de tal ação, até mesmo cooperando com comentários sarcásticos e falta de punição. Sendo mais uma peça importante para a exclusão. CAMACHO (2002, p.7), explicita que “A ideologia dos tempos contemporâneos, que prega o individualismo exacerbado, que nega e até combate as iniciativas coletivas, faz com que o sujeito não enxergue o outro”. O outro é o diferente, é o estranho, é o nada. O que tem valor é o “eu” e aqueles com os quais o “eu” se identifica.

NASCIMENTO (1997) explicita que a violência é caracterizada pela vontade de destruição esta pode estar presente no campo físico e psíquico, tendo relevância também, a violência da negação do outro e o desrespeito.

Confirmando esse contexto, NASCIMENTO (1997) ainda retrata em seus estudos um depoimento de uma professora, atuante no magistério há vinte e sete anos, demonstrando que por muitas vezes os próprios alunos não percebem que estão sendo violentos porque na verdade eles não entendem o desrespeito e o preconceito como formas de violência. A professora relata ainda, que estas são as formas mais visíveis de violência para com eles mesmos. Os preconceitos emergentes sobre a raça, etnia e estéticos são evidentes.

NASCIMENTO (1997) continua expondo que a forma de violência que prepondera no interior das escolas geralmente são as agressões e as brigas, conclusão tirada através de estudo realizado com os professores.

Adolescentes e crianças tem a necessidade de se mostrarem prontos para defender uma opinião ou um determinado espaço e algumas vezes esta defesa se expressa por meios agressivos. A violência passa a ser reproduzida pelos jovens para se auto-afirmarem em um meio. Como na faixa etária de adolescentes e crianças a escola é o principal ponto de referência de amizades e confrontos, esta acaba sendo o local utilizado para a auto-afirmação e para os novos descobrimentos. Como pondera OLIVIER, (2000) “descobrimos estes que são até o da não violência por se ter

conhecimento do perigo que o outro pode trazer e conseqüentemente os malefícios de uma briga perdida”.

A percepção do meio é mais ampla e a concepção do “ser alguém” no interior da escola é buscada e interpretada de diferentes maneiras, e assim, para muitos, a melhor maneira acaba sendo através da utilização de meios coercitivos para se impor.

Rodigheri afirma: “A criança ou o adolescente é ao mesmo tempo ativo e passivo, influenciador e influenciado, da mesma maneira que absorve também retorna ao meio, é artista e espectador, um agente composto por uma relação em que constitui e é constituído na formação e no aprendizado”. (RODIGHERI, 2003, p.6)

OLIVIER (2000) expõe que a violência existe e nós não podemos fechar os olhos para isso, devemos sim, nos aprimorar para sabermos trabalhar com mais esse problema inerente à escola. Devemos reconsiderá-la para melhor utilizá-la. “Pensamos que essa violência é inerente às relações sociais e que seria inútil e perigoso negá-la. É preferível considerá-la como resultado de múltiplas interações, manifestando-se em circunstâncias precisas”. (OLIVIER, 2000, p.11)

É de conhecimento geral, que os educadores têm como função primordial a formação ampla do cidadão. HIKONO e CASAL (2001) demonstram que essa é a maior responsabilidade dos professores, eles devem, justamente, fornecer uma forte estrutura para que o indivíduo alcance essa ampla formação, até porque o professor é tido como referencial e representa grande parte da constituição do referencial dos jovens.

Este contexto faz com que surja um importante papel na educação, que é o saber lidar da melhor maneira com essa violência presente no cotidiano da criança, seja em sua realidade social ou adquirida pelos meios de comunicação. OLIVIER (2000), aponta que um dos trunfos que a escola pode aproveitar é a inserção de lutas em seu currículo, apresentando que jogos de oposição são necessários para fazer um controle sobre as agressões. “Ressituar os esportes de combate em seu contexto institucional, ou seja, como expressão cultural de uma sociedade, só pode contribuir para o acompanhamento dos adolescentes no controle de sua violência, bem como na sublimação de sua agressividade”.(OLIVIER, 2000, p.12-13)

A violência contida pode voltar-se benéficamente ao contexto de lutas, porque esta se tornará mais uma possibilidade do homem escoar seus instintos transferindo-os do cotidiano para um local onde haja um mediador (professor) e a agressividade seja estabelecida de maneira sadia, onde haja respeito entre os participantes e valores sejam tipificados. Segundo DIAS (1996, p. 58) a agressividade “deve ser respeitada e trabalhada de forma construtiva e consciente no indivíduo, do contrário, torna-se nociva, deturpando os valores individuais e sociais, bloqueando a relação com o outro. Isto vai influenciar a personalidade do indivíduo, tornando-a mais ou menos agressiva e trazendo-lhe, assim, efeitos negativos”.

GRINVALD (1997), citando passagens de FREUD e LORENZ afirma que devemos doar grande importância aos princípios biológicos da criança, para sabermos se essa tem alguma tendência a ser mais ou menos violenta, para assim podermos canalizar tal agressividade, tornado-a aceitável dentro da prática esportiva, dignificando assim um papel de consideração a Educação Física.

BATALHA e LULINHA (1999) exprimem que “a violência é um antigo e grave problema encontrado em todos os setores da sociedade, seja em qualquer área de atuação”. Na escola podemos perceber que este grave problema se tornou popular e massificado. “A violência nas escolas é hoje um fenômeno real...” (PROJETO PAZ NA ESCOLA, 1999). O mesmo projeto esclarece que a violência cresce imensamente em decorrência da falta de oportunidades e desemprego, o que acarreta a ida do jovem para o mundo do crime. Este retrata ainda, que a violência causa também uma maior evasão escolar, seja em virtude do medo ou do descontentamento com a impunidade. (PROJETO PAZ NA ESCOLA, 1999).

CANDAU (2002) apresenta que a violência vem se tornando mais visível a partir da década de 80, apontando que suas manifestações são mais constantes e diversificadas no mesmo andar encontram-se as pessoas que nela atuam. A dificuldade de se interpor no meio dessa violência é o fato de constarem nela uma crescente incidência configurando como a própria autora expõe uma “cultura da violência”. A escola toma sua parte nessa problemática quando vemos o envolvimento de crianças e

adolescentes crescendo absurdamente no meio criminal como vemos amplamente divulgados em toda mídia nacional.

## 2.4 MÍDIA

A mídia pode ser um fator motivador para a exteriorização da violência, pois através dela as crianças tem um grande acesso a filmes e animações repletos de ferocidade e brutalidade. Porém, não podemos excluir seu caráter educativo, que como aponta OROZCO-GÓMES, citado por BETTI e BATISTA (2005) a televisão pode nos trazer muita bandalheira, mas também nos traz programas estimulantes a imaginação e a busca do conhecimento, tendo assim, uma participação na aprendizagem da vida.

A mídia, por vezes, nos traz a idéia de uma violência “afastada”, ou seja, diferentemente de épocas passadas, onde as pessoas eram enforcadas em praça pública, mutiladas e apedrejadas e a população tinha isso como um espetáculo. Nos tempos atuais estamos expostos a filmes fortes e notícias sensacionalistas que pregam a não-violência através da violência. A mídia também apresenta espetáculos esportivos, como campeonatos de vale-tudo, que tem uma enorme audiência e de certa forma, passam a noção de violência somente para a ficção, como se esta estivesse distante de todos. Com essa violência sendo divulgada pelos meios televisivos ela passa a ser aceita e tolerada. É uma violência falsamente ocultada do nosso cotidiano. “A violência é escondida com mais freqüência, ou, ainda, é mantida à distância por meio de instrumentações: é vista como tolerável quando colocada ao longe, na ficção ou no mundo estrangeiro (ou no laboratório), campos aos quais não temos o sentimento de pertencer, que não formam conosco uma humanidade comum”. (DEFRANCE, 2001, p.239)

A violência toma outros rumos com o passar dos tempos, o que antes era visto como “show”, agora é visto com asco e o cidadão, que está esgotado de tanta violência, que tem repulsa a tais atos praticados, muitas vezes acaba por ser o mesmo que se junta aos admiradores da violência fictícia. Sem perceber que é mais um dos adeptos precursores da violência. BETTI (1998), expondo a visão de MARCONDES FILHO,

escreve que a mídia televisiva faz com que o cidadão fantasie seus desejos, deixando-o mais longe de sua realidade. Como demonstra BOURDIEU citado por DEFRANCE (2001, p.240), “a violência é dobrada, canalizada, finalizada, interrogada em seu significado, e assume hoje uma dupla dimensão, física e simbólica”.

O grande impacto que os meios de comunicação trazem a atual sociedade inferem diretamente nas crianças, que muitas vezes encantadas com efeitos, cores e novas dimensões, acabam sofrendo certo atrelamento aos programas expostos.

Como explica BELLONI (2001, p.7), “o fascínio que estas máquinas exercem sobre crianças e adolescentes pode levar a situações de mania e/ou dependência, na medida em que as pessoas se desligam facilmente da realidade física e sócio-afetiva circundante para se ligarem em alguma dessas realidades virtuais, propiciadas por uma dessas máquinas maravilhosas”.

Como assevera BETTI (1998), a mídia nos traz também, algumas imposições, como a não necessidade do pensar, isso porque crianças e adolescentes estão dispostos frente a um sistema de imagens que estabelece uma forma de ser e fazer. E com o ser e o fazer pré-estabelecidos em formas violentas, provavelmente teremos crianças mais dispostas a atos agressivos.

As matérias expostas pelos diferentes caminhos da mídia podem ser também, a grande propagandista contra a prática das artes marciais. Isso ocorre quando esta relaciona as brigas de rua com os praticantes de artes marciais ou de esportes de combate. O que não mencionam é que os “tais valentões” são delinqüentes arruaceiros, que não aprendem o real sentido dos esportes de combate, sua arte, sua filosofia, mas sim, a ignorância do bater por motivos fúteis ou até mesmo sem motivos.

LULINHA e BATALHA (1999), defensores da prática do ju-jutsu, retratam que muitos desses falsos praticantes acabam manchando a imagem do esporte até porque estes se baseiam nos torneios de vale-tudo para iniciarem suas práticas, nas academias, o que é totalmente errado. Os praticantes, acima citados, expõem ainda que a mídia coopera com essa visão errônea, pois esta sendo vista como mercadoria, passa aos espectadores e leitores o que chama a atenção, e assim vende. Como o esporte de lutas está em alta, uma matéria que contenha algum praticante de qualquer

arte marcial envolvido em brigas e escândalos é mais rentável para a mídia, que vê na violência e nas notícias sensacionalistas mais uma mercadoria. Essa visão que nos é passada aumenta ainda mais a dificuldade de uma mãe deixar que o filho pratique esportes de combate, que difere das artes marciais que serviam para os antigos guerreiros, tanto no interior da escola, com a aula de Educação Física, quanto em outros lugares. Outro ponto a aclarar é que o termo arte marcial, etimologicamente vem do Deus grego da guerra, Marte. Os antigos guerreiros praticavam para quando necessitassem combater sem armas pudessem aniquilar seus inimigos. No momento atual as lutas devem ser classificadas como esportes de combate, pois não temos guerras, onde o contacto corporal seja decidido pela perícia de seus guerreiros.

LULINHA e BATALHA (1999) apontam que no setor esportivo “os traços da violência só servem para difamar as modalidades, afastar praticantes, desgostar o público e transformar uma atividade extremamente saudável, em prejudicial à saúde e à integridade física”.

## 2.5 LUTAS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

As lutas são vistas com um olhar desconfiado por expressarem ainda, a visão de se ter um inimigo à frente, algo que se deve destruir. Para o contexto de briga essa visão é correta, porém o que se apresenta nas aulas de Educação física é uma visão voltada aos jogos de oposição e a diversos valores, além de contemplar os PCN's que apontam a luta como uma nova proposta para as aulas, quebrando com a monotonia e cooperando para o desenvolvimento de aptidões e integração de todos, onde estes caem juntos e se levantam juntos. Além destes expostos, ainda podemos fazer menção a outros fatores não menos importantes, são eles, os valores e o intelecto desenvolvidos através das lutas. Esportes de combate, como o judô, repassam valores milenares, apreciados até os dias atuais, fazendo com que a personalidade da criança seja formada por valores sólidos de respeito, perseverança, solidariedade e coragem que a luta possui. Tais ditames vêm a estruturar uma noção sobre sociedade e respeito pelo próximo, no caso o oponente. Reforçando essa concepção. MONTEIRO (1998)

escreve que para a adaptação do aluno ao meio em que está presente o judô tem grande valia por sua metodologia de repassar valores sociais e técnicas que favoreceram o convívio. Essa transmissão de geração para geração, vem a ser uma tradição, que renova a filosofia e a cultura, servindo de alicerce para formação do caráter e do intelecto.

A luta não tem influência somente sobre o tatame ou qualquer outro local que se faça a atividade, ela estará presente em várias outras esferas da vida dos alunos, estes poderão utilizá-las futuramente, seja simplesmente pela continuidade de se fazer uma atividade física, ou para fazer valer os valores aprendidos, repassando-os e utilizando-os para formação de uma sociedade mais humana e menos discriminatória, onde todos possam ter a oportunidade de serem iguais e representativos no meio social. LINDEM - BERG, citados por MONTEIRO (1998, p. 38) retratam que o judô pode se resumir sobre três pilares:

“1) o primeiro é o emprego mais completo e eficaz da energia ao mesmo tempo física e intelectual;

2) o segundo é pelo maior bem individual e universal;

3) “E o terceiro e último, o da elasticidade (fluidez e doçura) que, embora físico, para fazer maior bem deveria se estender, transportando-se ao plano intelectual”.

Tais preceitos demonstram que o judô não vem apenas a valorizar a técnica, mas sim, exprimir um valor educativo e moral, através da atividade física. MONTEIRO (1998, p. 39) aponta que o judô é “como um método de educação total”.

Em uma pesquisa realizada por HOKINO e CASAL (2001) nota-se como a prática do judô influenciou no controle da raiva e exteriorização de agressão. Nesse estudo pode-se presenciar o judô atuando como agente motivador de diminuição de agressividade. Percebe-se que em 95% dos indivíduos analisados, depois de começarem a praticar o judô, conseguiram controlar seus impulsos e diminuir seus possíveis atos violentos. Porém, os autores concluem que não se pode dar certeza que foi somente o judô que atuou para que houvesse essa diminuição significativa, mas afirmaram que este pode tornar-se uma realidade no meio social. Enfatizam que o judô pode ser uma nova forma de se canalizar a agressividade social.

O conteúdo de lutas, juntamente com demais conteúdos, pode vir a alcançar alguns objetivos propostos pelos PCN's. No contexto de lutas percebem-se diversas maneiras de se trabalhar respeito, valores e fornecer novos saberes. Sendo estes trabalhados principalmente de maneira lúdica, trazendo prazer, a criança assimilará tais elementos com muito mais rapidez e vontade.

Outro fator relevante, que também se encontra nos PCN's, é a questão da punição as atitudes violentas, colocando as lutas como um possível regulamentador para a não banalização dessas práticas, ou que ao menos essas práticas passem a ser limitadas e vivenciadas a partir de atividades lúdicas e até mesmo conteúdos específicos de lutas, apresentando o caratê, capoeira e judô, entre outras.

Dentre demais capacidades que se espera que os alunos tenham alcançado, podem-se evidenciar duas bem visíveis que as crianças poderão ter acesso através do conteúdo bem aplicado. "Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de violência; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais". (PCN's, 2000. p. 43)

### **3. METODOLOGIA**

O estudo aqui disposto foi definido através de uma pesquisa qualitativa descritiva, que tem como base uma pesquisa bibliográfica, o que permite adquirir conhecimento sobre o objeto de estudo, complementando-se através de pesquisas de campo, com observações e questionários dirigidos aos docentes de diferentes instituições.

A concretização deste trabalho ocorreu através da cooperação de 07 (sete) professores de Educação Física, sendo todos atuantes no âmbito escolar. A pesquisa foi realizada na cidade de Curitiba-PR, num período de aproximadamente quatro meses (13/03/2006 à 28/07/2006).

Os questionários foram escritos pelos próprios professores e anexados no final deste trabalho, assim me permitindo correlacioná-los, estabelecendo uma conclusão de acordo com o exposto. Sendo inteiramente abertos, para que assim, o profissional estivesse à vontade para expor todas suas concepções sobre o judô e a Educação Física.

As observações foram efetuadas em quatro escolas, duas públicas, uma particular e um centro de apoio, patrocinado pela comunidade. Um local distante do outro para verificar as diferenças existentes em cada meio e a realidade em que a escola está inserida.

#### **4. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES**

Através de diversas e diferentes observações irei apresentar neste capítulo, concepções e relatos apanhados no interior da escola, durante a prática da aula de Educação Física, atentando-me ao objeto de estudo deste trabalho, ou seja, o judô e sua influência no contexto escolar no que diz respeito à violência.

Importante citar, que a análise de observações não se restringiu a uma escola específica, mas a determinados profissionais, detentores ou não de conhecimentos acerca do judô, que pudessem cooperar com a proposta, expondo suas aulas propriamente ditas e suas formas de pensar a possibilidade de inserção do judô para formação ampla do cidadão.

Não cabe aqui, citar nomes de profissionais ou de instituições, tendo em vista, que em suma, as anotações e conclusões são provenientes de meu próprio punho.

Primeiramente gostaria de expor o local em que mais tive gosto em freqüentar. Trata-se de um centro de apoio à criança e ao adolescente, onde muitas pessoas efetuam trabalhos voluntários, sendo a maioria formada por professores e estagiários ligados a áreas da educação.

Neste centro funciona uma escola que atende crianças de 03 a 07 anos de idade pertencentes a camada mais necessitada da sociedade. O período de ensino varia de acordo com a necessidade dos pais, podendo ser somente em um turno ou integral.

A partir dos cinco anos as crianças recebem aulas de Educação Física dirigidas, estas compondo a grade curricular da escola. Portanto, preenchendo meu objeto de estudo.

O professor responsável tem formação e sempre acompanha o desenvolvimento das aulas quando os estagiários irão lecionar. Não tendo intenção de jogar confetes no professor em questão, ressalta-se a exacerbada capacidade e competência que este tem no trabalho disposto com as crianças.

O interesse pela escola surgiu em virtude de esta ter uma grande representação diante da sociedade e de já conhecer o profissional que lá trabalha.

Conhecendo seu interesse pela aplicação do judô e sua necessidade de maior apoio por qualquer um que estivesse disposto.

O fato de ter me envolvido mais com esta instituição é decorrente de uma ligação maior com as crianças, pois diversas vezes permaneci na escola por mais tempo do que o necessário, vivenciando também, os horários do recreio, onde pude brincar junto deles, me integrando ainda mais às suas realidades.

Assim, participando semanalmente de determinadas aulas, nem todas específicas de judô, pude perceber e determinar alguns pontos relevantes pertinentes à prática. Entretanto, como retratei anteriormente, me aterei somente ao judô.

O professor sempre iniciava as aulas contando uma pequena história de cunho moral. Na seqüência fazia uma brincadeira de correr e um alongamento recreativo, geralmente introduzido em outra brincadeira, por que se assim não fosse, poucos alunos o faziam. Continuamente pedia aos alunos que tirassem os tênis e pegassem cada um, um colchonete, pois lá não tínhamos tatame ou qualquer outro parecido. E por muitas vezes, no que as crianças pegavam os colchonetes, começavam a bater umas nas outras, o que logo acabava quando o professor contava até três. Isto porque quem continuasse a “bagunça” após o término da contagem, não participaria. Pareceu-me uma forma de coação, porém funcionava muito bem.

A técnica do judô era repassada ludicamente, através de rolamentos e quedas, também inseridos em conjunto com outras brincadeiras para que a atividade não se tornasse maçante e tediosa.

Entre os pontos relevantes ao estudo em questão, ressalta-se o grande problema enfrentado pelo professor quando as atividades necessitavam a organização dos alunos enfileirados, pois não teve uma única vez que as crianças não entrassem em conflito para ver quem seria o primeiro. Gerando assim, empurra-empurra, e até mesmo socos e pontapés. Sem contar agressões verbais e cuspes que integravam amplamente as discussões dos pequenos.

O professor intervinha nas confusões e as utilizava para trabalhar conceitos de respeito e educação, porém tais intervenções me pareciam infrutíferas, pois os alunos, passados alguns instantes novamente se envolviam em discussões e agressões.

Minha visão quanto as interposições do professor foi modificando pouco a pouco. Acompanhando o desenrolar das aulas por um período considerável, percebi apreciáveis mudanças comportamentais nos educandos, tais mudanças não extinguiram todos os problemas concernentes à violência ou agressões, mas era perceptível até mesmo uma auto-consciência quando se fazia algo errado, como cuspir e xingar.

Os alunos começaram a entender o porquê das histórias introdutórias e as pausas para sermões, ao menos tive essa impressão quando uma das crianças me explicou por quais motivos seu pai fora brutalmente assassinado dentro de casa: “meu pai era muito brabo e gostava de gritar, acho que ele não respeitava os mais velhos...” (I. L. F., 06 anos)

Esse foi um dos fatos que mais marcou esta intensa experiência, porém não foi único, não é exclusivamente este fato que me leva a crer nas mudanças positivas que a prática direta do judô angariou. Mas sim os diferentes comportamentos que as crianças passaram a exprimir. Não me retrato agora, aos bons modos e costumes, mas ao simples entendimento do por que está certo e do por que está errado.

Em outras observações, em outras instituições, comprovei semelhantes mudanças no que se refere ao relacionamento de uns com os outros. Para mim, tornou-se fática a idéia que eu tinha acerca do judô e seus inerentes. Visão esta, embasada somente pela teoria, mas não pela prática.

É pacífico o entendimento doutrinário sobre os benefícios que as atividades de lutas acarretam, porém é de suma importância estabelecermos uma junção teórico-prática, para então produzirmos um entendimento próprio, sucedido de um aprendizado e de uma vivência, neste caso, ínfimos diante da grandeza que hoje representa a Educação Física.

Percebi tais benefícios de fato, somente com a observação da prática, com a vivência. Através da completude das incansáveis horas de observação das aulas de diversificados profissionais da área, pude perceber a importância deste.

Entretanto, infelizmente tenho a necessidade de expor alguns dos pontos negativos presenciados após atividades de judô, talvez, mal direcionadas. Em certos

momentos, apreciando intervalos de aulas e corredores, pude perceber que por vezes os alunos recorrem a golpes aprendidos na Educação Física, como forma de coagir colegas e ou de simplesmente atacá-los, por sentirem-se, talvez, superiores.

Passando em diversas aulas de Educação Física e dialogando com alguns professores, sem o caráter de questionário, percebi que são poucos os que realmente trabalham com o judô. A maioria esclarece o desconhecimento da técnica, portanto não podendo atuar.

O que percebi, através da comparação entre dois professores que aplicavam o conteúdo do judô, um com conhecimento da técnica e o outro não, é que as crianças aderiram consideravelmente mais à aula do professor não detentor da técnica, pois este trabalhava ludicamente, preocupando-se com a satisfação dos alunos, enquanto o outro cobrava muito o movimento correto e atitudes corretas. Não cabe a mim, expressar que uma aula tem mais valia que a outra, cada professor tem uma concepção distinta, devendo esta ser respeitada.

Outros problemas evidentes presenciados no decorrer das observações foi o forte aspecto da competição e da conseqüente desmotivação dos mais “fracos”, fato este vindo a tornar a aula novamente excludente e segragadora. Onde por vezes os alunos acabam utilizando a força para resolver seus problemas, fazendo da aula uma fomentadora da violência, pois muitos se batiam ali mesmo.

Têm-se a importância de trabalhar corretamente qualquer forma de luta, uma vez que é extremamente difícil a convivência com o diferente, respeitando e entendendo.

Os problemas acima expostos são vivenciados em qualquer conteúdo da Educação Física, porém, ressalta-se que quando os conteúdos são devidamente trabalhados são notáveis, a criatividade e a alegria das crianças ao se prestarem para um conteúdo diverso do “normal”, seja de cunho recreativo ou explicativo, sendo que apenas o fato de estarem em um ambiente aberto, fazendo atividade já modifica o ânimo dos pequenos.

Em outro momento, analisando mais diretamente qual a preocupação dos professores em repassar valores morais e sociais, percebi que tal preocupação é

concreta e a maioria dos profissionais desempenha, ou ao menos tenta, maneiras de interessar os alunos a praticarem o respeito, a educação e demais pertinentes.

Alguns professores construíam suportes e subsídios para ancorar discussões, juntamente com os alunos, nesta junção eles (professor e alunos) estabeleciam os moldes a serem conscientizados. Logicamente toda essa temática interiorizada nas aulas de judô, não em momentos separados, distantes da realidade da Educação Física.

Infelizmente, não foram todos professores que expuseram suas aulas dessa forma, preocupados com a ampla formação. Um dos professores, de escola pública, me disse, sem vergonha alguma, que os alunos daquela instituição não teriam futuro, que estavam fadados ao fracasso e conseqüentemente ao crime. E que dessa forma, ele não tinha como oferecer uma aula boa. O mesmo professor reclamou da situação do espaço físico e dos materiais disponíveis (e neste ponto não discordo totalmente da reclamação), porém a falta de destes, em hipótese nenhuma, pode ser tratada como desculpa para o comodismo do profissional.

Há professores com vontade de fazer e professores sem vontade, não podemos generalizá-los. Assim me retrato, pois continuamente fui em outro colégio, de ensino público também, e me deparei com uma realidade totalmente diversa da anterior, pois nesta segunda escola, encontrei profissionais capacitados e interessados em mudar, apesar de as condições do espaço físico serem piores e materiais comuns, como bolas e arcos, praticamente não existirem. Entretanto através da dedicação do professor, que contagiava os alunos, acabaram montando dois ambientes no pouco espaço livre da escola. Sendo que num corredor, foi projetada uma caixa de areia para a prática do atletismo, e em um canto inutilizado antes, um tatame para a prática de lutas, mais especificadamente o judô. Novamente em conversa com o respectivo professor responsável pela obra, sem caráter de questionário, soube que nada foi gasto pela escola para a montagem dos locais. Todos os materiais foram doados, sendo a mão de obra fornecida pelos alunos. O tatame foi composto por três lonas velhas de caminhão e pó de borracha, cedido por empresas de pneus. Professores assim motivam qualquer

pessoa a levantar e lutar por mudanças, deixando claro que há solução, basta querermos.

## 5. EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Este capítulo tem como finalidade expor as respostas fornecidas por profissionais de Educação Física, quando questionados sobre o judô e sua relevância para diminuição ou não da violência.

Para chegarmos à conclusão almejada nos objetivos deste estudo, foram elaboradas cinco perguntas direcionadas exclusivamente a professores atuantes em escolas, que tenham ao menos, graduação em Educação Física.

O questionário, sendo aberto, propiciou arrecadar diferentes concepções sobre o judô e a violência, porém em muitas respostas há similaridade de pensamento, no que segue a análise dos questionários.

Primeiramente, indagou-se ao profissional suas qualificações pessoais, contendo nome, tempo de atuação, local da formação superior e qual sua graduação, sendo neste último quesito identificados cinco (05) professores com pós-graduação e dois (02) professores apenas com graduação. Após preenchimento de seus dados pessoais, se iniciaram as perguntas direcionadas ao tema de trabalho.

A primeira pergunta refere-se à vivência do profissional na prática do judô e se teve algum contato com este, em sua formação superior. Cinco profissionais expuseram que seu relacionamento com o judô restringe-se a formação acadêmica, sendo que uma das professoras graduadas há mais tempo, retratou que as aulas eram de cunho tecnicista. Neste caso, estabelecendo comparações e embasado nas outras perguntas, é perceptível que professores formados há menos tempo tendem a ver o judô de uma maneira mais lúdica, direcionado ao repasse de valores.

Partindo deste entendimento, percebe-se mais presente nos dias atuais, o foco educacional do judô, sendo este foco, um dos alicerces inerentes a ampla formação do ser humano, como expõe Jigoro Kano.

Atualmente, em decorrência das modificações curriculares das Universidades, os conteúdos referentes as lutas são direcionados de acordo com a intenção do universitário, ou seja, enfatiza-se a técnica, treinamento, quando do bacharel, ou questões educacionais quando da licenciatura.

Ainda tratando-se do encontrado no primeiro questionamento, expõe-se o contato como atleta (um professor) e o não contato (um professor), em ambas não havendo nenhuma vivência desta prática em aulas constituintes da formação superior. É importante ressaltar que o professor que foi atleta e o que nunca teve nada sobre o judô, trabalham esta forma de luta em suas aulas. Aponta-se essencialmente a presença da ludicidade, pois o professor que não teve contato algum com o judô, o ensina incrustado em outras brincadeiras, que não muito voltadas à técnica.

Partindo para a segunda indagação, referente ao judô como parte das programações de aula e como é a participação dos alunos nesses momentos específicos, deparou-se apenas com um professor que não o trabalha, sendo as demais respostas positivas e em suma os alunos apresentam interesse e disposição para efetuarem as respectivas atividades. Duas professoras expuseram que trabalham o judô através da, já citada, ludicidade e de maneira recreativa.

Novamente confirma-se o fato de o professor não deter a técnica, mas trabalhar com o judô, porém aqui, como uma forma de apresentar um conteúdo adverso do convencional, como os “quatro balls”.

Citou-se a problemática de os alunos associarem a atividade de lutas à violência, o que se modificou no decorrer das aulas. Outro problema citado é o fato de os alunos apresentarem grandes diferenças no porte físico, gerando algumas vezes, atritos dos mais fortes com os mais fracos. Sendo solucionados tais problemas através de diálogos e explicações.

Como exposto anteriormente neste estudo, muitos ainda relacionam lutas à violência, porém com a influência do professor, há chances de modificar tal estigma, como retratam as professoras que enfrentaram este problema e o solucionaram através de discussões.

Mencionando a terceira pergunta, referente à visão do professor quanto ao auxílio do judô na formação do cidadão, é notável a associação deste, aos princípios pertinentes ao convívio em sociedade. Princípios como respeito e disciplina foram os mais citados, porém, um dos professores preferiu se abster de estabelecer alguma relação judô/formação do cidadão, por não deter grande conhecimento e não praticá-lo

muito em suas aulas. Interessantemente, o professor graduado há mais tempo (trinta anos), citou fatores mais ligados ao corpo, como aumento de elasticidade e flexibilidade, e não muito a formação humana, provavelmente demonstrando uma vertente de sua formação, direcionada mais diretamente ao corpo e não tanto a educação. Fatores como concentração e auto-conhecimento do corpo, também foram elucidados na presente pergunta.

Aludindo o quarto questionamento, concernente a mudança comportamental dos alunos através das aulas de judô, nota-se que os professores que trabalham mais freqüentemente com o judô em suas aulas apontam uma perceptível melhora quanto ao respeito e a concentração, referenciando também, auto-controle e autonomia.

Ainda no questionamento acima referido, três professores arrazoaram a impossibilidade de responderem a determinada pergunta, pois não consideram o número de aulas suficiente para identificar alguma modificação.

É importante salientar que a insuficiência do número de aulas é problema para se trabalhar qualquer conteúdo, pois corroborado a isso, temos o reduzido horário destinado a toda e qualquer aula.

Por fim, fazendo referência a quinta e última pergunta, atinente à canalização da violência ou não, por meio do judô, é unânime o entendimento dos professores entrevistados que o judô é um possível canalizador da violência. Entretanto em três respostas encontramos um adendo referente à maneira de como profissional atua nas aulas. A canalização da violência depende diretamente da forma de agir do professor, ou seja, se este propiciar discussões interessantes e pertinentes, correlacionadas à prática, é incontestemente a positividade do judô nas questões referentes à violência. Porém se este intervir somente coibindo atos agressivos, sem contextualizá-los, de nada adiantará as atividades de judô no que diz respeito à violência.

Determinado professor, expõe que o judô, em sua própria definição genérica responde a pergunta, pois seu significado é “caminho suave”, sendo este o fundamento para a canalização da violência. Tal definição nos aporta a citar outra professora, que expõe a importância dos princípios norteadores do judô relacionados à sociedade. Vejamos:

“Não tende a aumentá-la, pois os princípios do judô, não preconizam a violência”. (Dizeres da professora Luciane de Fátima)

Portanto, com fulcro nos fatos e fundamentos acima aduzidos, entende-se que o judô pode e deve receber caráter de maior relevância no ambiente escolar.

## 6. CONCLUSÃO

O presente trabalho, embasado em estudo bibliográfico, concluiu que a prática de judô, tem grande valia não somente com intuito de canalizar a violência, mas também, de resgatar princípios e valores pertinentes ao bom convívio social.

Porém, este estudo tinha intenção de buscar e identificar a visão do professor de Educação Física quanto às atividades de judô, e de que forma este é trabalhado atualmente nas escolas, se enfatiza ou não a violência. Portanto, para alcançar estes objetivos foi necessário sair a campo, observando e perguntando aos profissionais pontos relevantes à questão referida.

Através de relatórios de observação e questionários respondidos por docentes, chegou-se a conclusão de que o judô pode ser considerado um possível canalizador da violência, por apresentar valores inerentes à constituição do cidadão e de seu meio.

As perguntas desenvolvidas nos questionários, apesar de serem abertas, o que subjetiva sua avaliação, corresponderam com os ensejos referenciados nos objetivos, pois os professores apresentaram similares concepções acerca da aplicação do judô dentro das aulas de Educação Física. Apontando como essencial à correta atuação do professor, para que de fato aja coerência na utilização deste como diminuidor de atitudes agressivas.

A idéia de se atrair atenção ao judô é decorrente de este ser uma arte marcial rodeada de princípios e moralidades que poderão se correlacionar com algumas realidades encontradas em nosso cotidiano, tanto no meio escolar, quanto em nossas vidas. Vindo certamente a influir positivamente (como foi constatado nas pesquisas de campo) em nossos alunos.

Finalizando as conclusões, entende-se que, o judô é estimado pela comunidade escolar, porém muitos não sabem como fazê-lo, resultando em uma restrita, contudo importante utilização deste, como agente contribuinte da formação ampla do ser humano.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Entrevista.**

Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/folha/treinamento/educacao>

Acesso em: out./2005.

ÁLAMO, José Miguel; AMADOR, Fernando; PINTOR, Patrícia. Función social del deporte escolar. El entrenador del deporte escolar. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n. 45, fevereiro, 2002. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd45/escolar.htm> Acesso em: out./2005.

BATISTA, Sidnei Rodrigues; BETTI, Mauro. A televisão e o ensino da Educação Física: uma proposta de intervenção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p.135-148, janeiro, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** Campinas, São Paulo: Ed. Autores Associados, 2001. p. 5-10.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro:** televisão e educação física. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – 2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CAMACHO, Luiza M. Y. A violência nas práticas escolares de adolescentes. **Revista Digital Educação On-Line**, fevereiro, 2002. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/> Acesso em set./2005.

CANDAU, Vera. Diferenças no cotidiano escolar. **Jornal da PUC**, Rio de Janeiro: n. 98, maio, 2002. Disponível em: <http://publicue.rdc.puc-rio.br/jornaldapuc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home> Acesso em out/ 2005.

CARDOZO, Jéferson C. **O perfil profissional do professor de judô na cidade de Curitiba.** Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Orientador: Prof° Adel Luis Youssef. Curitiba, 2000.

CASADO, Julián Espartero; GARCIA, Carlos Gutiérrez. El judo como práctica de autodefensa en Educación Física: una aproximación a sus contenidos básicos. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n. 50, Julio, 2002. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd50/judoef.htm> Acesso em: out./2005.

DEFRANCE, Jacques. O gosto pela violência. In: Garrigou, A.; Lacroix, B. **Norbert Elias: A política e a história.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001. p.231-240.

DIAS, Kátia Pedreira. **Educação Física X violência:** uma abordagem com meninos de rua. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1996. p. 41-79.

ELIAS, Norbert. Mudanças na agressividade. In: **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Tradução Rui Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1, p. 189-202.

GRINVALD, Rubén Cohen. Agresión y violencia en el deporte. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n.8, dezembro, 1997. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd8/rcgrinv8.htm> Acesso em: out/2005

HARRISON, E. J. **ABC do judô.** Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1984. p. 13-21.

HOKINO, Milton Hidenobu; CASAL, Hiram M. Valdés. A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n. 31, fevereiro, 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm> Acesso em: out/2005 20h:10

KWANICHI, Takeshita. **Judô:** antigo jiu-jitsu. São Paulo: Brasil Editora, 1967. p. 7-15.

LASSERRE, Robert. **Judô:** manual prático. São Paulo. Ed. Mestre Jou, 1951. p. 24-29.

LULINHA, Luiz Alberto; BATALHA, Ricardo. Violência e artes marciais não são a mesma coisa. **Revista Top Fight**, n. 6, 1999, p.25-29.

MONTEIRO, Luciana Botelho. **O treinador de judô no Brasil.** Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

NASCIMENTO, Maria das Graças C. de A. **Violência e Escola:** o que pensam os(as) professores(as). Texto apresentado inicialmente na 22ª Reunião Anual da ANPEd, em setembro de 1999, e elaborado a partir da pesquisa realizada pela equipe de Escola e cidadania Nova América, nos anos de 1997 e 1998. Publicado no livro Educar em direitos humanos: construir democracia, da DP&A Editora.

OLIVER, Jean-Claude. **Das brigas aos jogos com regras:** enfrentando a indisciplina na escola. Tradução Heloísa Monteiro Rosário. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 11-13.

PROJETO PAZ NA ESCOLA, 1999.

RODIGHERI, Karine. **Diferentes formas de violência vivenciadas na prática pedagógica com crianças e adolescentes em situação de risco.** Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Regina Ferreira da Costa. Curitiba, 2003.

SOUZA, Maria de Fátima Arruda. El estado de la paz y la evolución de las violências: la situación de la América Latina. **Revista Diálogo Educacional**, v. 2, nº 4, p. 281-284, julho/dezembro, 2001.

SONOO, Rosa T. O judô. Artigo publicado no Jornal São Paulo Shinbum. 8 de março de 2001.

**ANEXOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

QUESTIONÁRIO

Senhor(a) Professor(a),

O objetivo deste trabalho é fazer um levantamento junto aos profissionais de Educação Física, observando de que maneira estes trabalham as práticas de lutas (judô) inseridas no contexto escolar, durante as aulas curriculares. Analisando a influência da prática do judô na diminuição da violência na escola.

Para a concretização e validade desse trabalho, pede-se, respeitavelmente, aos futuros colegas de profissão, seriedade e veracidade ao responderem as questões.

NOME:

TEMPO DE ATUAÇÃO:

LOCAL DE FORMAÇÃO SUPERIOR:

QUALIFICAÇÃO:

( ) GRADUAÇÃO ( ) PÓS-GRADUADO ( ) MESTRADO ( ) DOUTORADO ( ) PÓS-DOUTORADO

01) Você vivenciou a prática do judô? De que forma? Teve contato com o judô em sua formação superior?

---

---

---

---

---

02) O eixo de lutas (judô), faz parte de sua programação de aula? Como é a participação dos alunos?

---

---

---

---

---

03) Você julga que a prática do judô auxilia na formação do cidadão quando aplicado no contexto escolar? Por quê?

---

---

---

---

---

04) Através das aulas de judô, você consegue perceber alguma mudança na questão comportamental do aluno?

---

---

---

---

---

05) Em sua concepção o judô é um possível canalizador da violência, ou apenas tende a aumentá-la? Por quê?

---

---

---

---

---